

# HRAN continua sendo um hospital ocioso

Inaugurado há exatamente um mês, o Pronto Socorro do Hospital Regional da Asa Norte — HRAN — continua ocioso, atendendo pouco mais de 100 pessoas por dia. A procura é pequena, segundo a própria Secretaria de Saúde, porque a população ainda está habituada a se valer da Emergência do Hospital de Base que chega a receber diariamente em torno de mil pessoas.

O Pronto Socorro do HRAN foi criado para atender todos os moradores da parte norte da cidade, ou seja, do Cruzeiro, Asa Norte, à Sobradinho, Planaltina e outras cidades do entorno. O atendimento ali seria o primário e secundário, já que conta apenas com quatro clínicas básicas e a ortopedia considerada especialidade.

Segundo o ginecologista Manoel Abrantes, que na tarde de ontem chefiava o PS do HRAN, substituindo o médico Hercules Costa Bueno, o atendimento é pequeno porque "o povo está mais ou menos consciente de que os hospitais são regionais" o que se distancia da posição da Secretaria que atribui a ociosidade ao hábito da procura do Hospital de Base.

A maior procura do PS do HRAN é sem dúvida, afirma o ginecologista, a Clínica Médica

que chega a receber em torno de 50 pacientes por dia. Em segundo lugar, a Obstetrícia, que atende de 8 a 10 partos por plantão; em terceiro, a pediatria atendendo a 20 crianças; depois a Ortopedia e em último lugar a Clínica Cirúrgica. Apesar de toda a estrutura do Pronto Socorro, disse Manoel Abrantes, se a procura dobrar vamos ter alguns problemas.

O maior desses problemas, salientou o médico, é sem dúvida o número reduzido de profissionais. Atualmente são dois médicos em cada uma dessas clínicas, com exceção da Obstetrícia que conta com três médicos. Quanto às condições de trabalho, lembrou o médico, "com o pouco que a gente tem, e o apoio que recebemos do Hospital de Base dá para fazer um bom atendimento".

O que acontece, na verdade, disse o pediatra Renato Ferreira, de plantão ontem à tarde, é que no caso de um acidente, por exemplo, a procura é direto ao Hospital de Base, porque nem sempre estão seguros do que vão encontrar em outro hospital. "Aqui, como não temos neurologistas não podemos atender politraumatizados e quando aparece um caso encaminhamos ao Hospital de Base". O atendimento a um politraumatizado, explica Renato Ferreira, tem que

ser feito onde se oferece o chamado tratamento terciário, em contrapartida, muito casos que poderiam ser atendidos por nós, acaba no Hospital de Base, por sua localização ou por outras razões.

Se os equipamentos são suficientes para o perfeito atendimento no PS do HRAN, o mesmo não acontece com o material geral do consumo. Ontem, por exemplo, a Ortopedia informava à chefia que precisava de material como platina, material de limpeza e outros. Todas estas preocupações, no entanto, em nada se comparam aos problemas existentes no Pronto Socorro do Hospital de Base, onde a super procura acarreta sérios transtornos tanto para os pacientes quanto para os médicos e auxiliares. Os corredores estão sempre cheios, ao contrário do PS do Hospital da Asa Norte, onde durante horas, algumas clínicas ficam sem receber qualquer pessoa. Os bancos de espera, na entrada da unidade, em plena tarde de quarta-feira, não eram ocupados por ninguém.

Nas diversas clínicas, os 20 leitos para repouso, estavam ocupados apenas por uma meia dúzia de pacientes, na maioria que procuraram a clínica médica.